

GENEALOGIA MAGISTRORVM MEORVM

GENEALOGIA DA MINHA FORMAÇÃO INTELECTUAL E HUMANA

GENEALOGIA FORMATIONIS MEÆ - DE MAGISTRIS ET HEREDITATE SPIRITVS

PROEMIVM — Da filiação dos mestres e da herança do espírito

Há heranças que não se transmitem pelo sangue, que nenhum testamento pode legar e que inventário algum seria capaz de enumerar. São aquelas que recebemos de quem, ao longo da existência, não se limitou a ensinar-nos a conhecer o mundo, mas nos levou, sobretudo, a interrogar a responsabilidade que perante ele nos cabe. Porque nenhum homem é autor exclusivo do seu pensamento: mesmo nas convicções que julga mais íntimas ressoam, por vezes silenciosamente, as vozes daqueles que primeiro o ensinaram a pensar.

Se reconheço alguma continuidade no meu percurso de vida — tão diverso nas geografias que atravessei quanto persistente nas inquietações que o animaram —, ela reside na fidelidade a uma vocação que nunca consentiu reduzir o sofrimento humano a uma simples taxonomia de sintomas, nem a existência à descrição dos seus mecanismos biológicos. O meu empenho prolongado em explorar as profundezas e os labirintos da alma humana, esse impulso inesgotável que me conduziu da medicina à filosofia, da psicopatologia à história da cultura, deve tanto à minha própria curiosidade como àqueles que souberam alimentá-la, orientá-la e, não raras vezes, submetê-la à prova salutar da contradição.

Não concebo, por isso, estas páginas como um elenco de méritos académicos, nem como uma evocação complacente do meu itinerário profissional. Pretendem ser, antes, o reconhecimento de uma filiação intelectual e moral. Pois, se a biografia de um homem pode reconstruir-se a partir dos acontecimentos que lhe marcaram a existência, a genealogia do seu pensamento exige que se reconheçam aqueles que, tantas vezes sem disso terem consciência, determinaram o rumo das suas interrogações. E poucas dívidas serão tão difíceis de saldar como aquela que contraímos para com quem nos ensinou a compreender.

O meu primeiro mestre foi o meu pai, o doutor Carlos Chada. Homem do Direito, magistrado de profissão e, acima de tudo, homem de uma integridade moral inabalável, transmitiu-me, desde a infância, uma lição que nenhuma universidade poderia ter-me oferecido: o verdadeiro valor de um homem não se mede pela autoridade de que dispõe, mas pela justiça com que a exerce e pela atenção que dedica àqueles a quem faltam poder e protecção. O seu sentido de serviço público, a sua rectidão e a solicitude particular que manifestava pelos mais vulneráveis constituíram a minha primeira escola de humanismo. Muito antes de aprender a reconhecer o sofrimento psíquico, aprendera com ele a não permanecer indiferente ao sofrimento alheio.

Se mais tarde escolhi uma profissão que haveria de colocar-me quotidianamente perante as fragilidades mais profundas da condição humana, reconheço naquele exemplo paterno uma das raízes mais antigas e duradouras da minha vocação. O meu pai não me deixou como herança uma

doutrina: transmitiu-me uma maneira de estar no mundo. E talvez não exista legado mais precioso.

A minha formação médica na Universidade Católica de Córdoba, instituição de tradição jesuíta, acrescentou a essa herança familiar o rigor do discernimento inaciano: a disciplina do exame de consciência, a exigência de distinguir o conhecimento da sabedoria e a convicção de que nenhuma competência científica, por mais elevada que seja, dispensa o homem da sua responsabilidade moral.

Essa pedagogia, que nunca separava a formação da inteligência da educação da consciência, deixou em mim uma marca que continuo a reconhecer na vida pessoal, no exercício da medicina e na docência universitária.

Foi então que começou a delinear-se uma convicção destinada a acompanhar-me ao longo de toda a vida profissional: a medicina exige ciência; mas, para permanecer verdadeiramente humana, exige também consciência.

Durante os primeiros anos da minha formação psiquiátrica, tive o privilégio de encontrar dois mestres cuja influência ultrapassou largamente a simples transmissão de conhecimentos especializados.

O Professor Héctor Alfredo Ferrari, catedrático de Psiquiatria da Universidade Nacional de Córdoba, pertencia àquela rara categoria de universitários cuja autoridade nasce tanto da profundidade intelectual como de uma generosidade desinteressada para com as gerações mais jovens. A sua abordagem fenomenológica da psiquiatria permitiu-me compreender, desde cedo, que a doença mental não pode ser entendida apenas como uma perturbação funcional susceptível de descrição e classificação, mas constitui também uma transformação da experiência mais íntima do existir.

Na sua escola aprendi a reconhecer a distância, tantas vezes esquecida, que separa a descrição de um sintoma da compreensão do mundo daquele que o vive.

Ao Professor Eduardo Luis Mahieu, discípulo directo do grande psiquiatra francês Henri Ey e um dos primeiros representantes da escola organodinâmica na Argentina, devo uma parte essencial da arquitectura conceptual sobre a qual se edificou o meu pensamento psiquiátrico. O seu magistério introduziu-me numa concepção integradora da vida psíquica, segundo a qual as estruturas biológicas e a organização dinâmica da consciência não constituem realidades antagónicas, mas dimensões indissociáveis de uma mesma existência humana.

Para além de uma formação clínica de grande rigor, transmitiu-me um princípio metodológico que me acompanharia durante décadas: desconfiar de toda a explicação que, pretendendo iluminar a complexidade do homem, acabe, afinal, por a empobrecer.

Ferrari e Mahieu representaram, cada um a partir da sua própria tradição, duas orientações fundamentais da minha formação inicial. Não foram apenas professores de uma especialidade médica: contribuíram para moldar a maneira como passei a interrogar a doença mental e, mais

profundamente ainda, a forma como aprendi a colocar-me perante o ser humano que dela sofre.

Os anos vividos na Europa haveriam de alargar consideravelmente esses horizontes, permitindo-me entrar em contacto directo com algumas das tradições intelectuais que contribuíram decisivamente para configurar a psiquiatria moderna e a filosofia contemporânea.

Na Universidade de Cambridge, encontrei no Professor Germán Elías Berrios, uma das mais reconhecidas autoridades internacionais na história conceptual e na epistemologia da psiquiatria, um mestre cuja influência se revelaria determinante para o amadurecimento do meu pensamento psicopatológico.

Durante a preparação da minha dissertação de Master of Philosophy, da qual foi orientador, o seu rigor intelectual ensinou-me a desconfiar da aparente inocência dos conceitos clínicos e a reconhecer que as categorias através das quais descrevemos a loucura possuem também uma história, uma genealogia linguística e pressupostos epistemológicos próprios.

Graças a Berrios compreendi que nenhuma descrição psicopatológica pode ser inteiramente dissociada das condições históricas que tornaram possível a sua formulação. Os sintomas não falam por si: somos nós que os interrogamos através de linguagens conceptuais herdadas, por vezes reformuladas, demasiado frequentemente aceites como evidentes e nem sempre submetidas ao escrutínio crítico que exigem.

Essa lição transformou profundamente a minha relação com a disciplina. A psicopatologia deixou de se me apresentar como uma ciência exclusivamente descritiva e revelou-se também como uma investigação crítica sobre as próprias condições do saber psiquiátrico.

Não menos decisivo, embora proveniente de um horizonte filosófico distinto, foi o meu encontro intelectual e humano com o Professor Umberto Galimberti, filósofo e psicoterapeuta de orientação junguiana, que orientou a minha tese de doutoramento europeu em Filosofia durante os anos da minha formação entre Veneza e Pádua.

O seu magistério representou para mim muito mais do que uma etapa do percurso universitário. Durante os anos em que vivi em Veneza, La Serenissima, o diálogo com Galimberti permitiu-me aprofundar uma tradição filosófica que, a partir da fenomenologia e da antropologia, submeteu a uma crítica radical a pretensão de explicar a experiência humana exclusivamente pelos mecanismos do seu funcionamento.

Galimberti tivera, quando era ainda um jovem estudioso de filosofia, o extraordinário privilégio de conhecer pessoalmente Karl Jaspers, durante uma permanência de formação em Basileia, em meados da década de 1960. Esse encontro com uma das figuras maiores da psicopatologia e da filosofia do século XX deixaria uma marca profunda na sua própria elaboração intelectual.

Reconheço, por isso, nos anos de estudo junto de Galimberti, uma filiação filosófica singular: a de ter recebido, através de alguém que conhecera pessoalmente Jaspers, parte daquela herança jaspersiana para a qual o ser humano permanece irreduzível a qualquer sistema fechado de explicação.

Não pretendo, com isto, reivindicar uma relação de discipulado directo que historicamente não me pertence, mas reconhecer a continuidade de uma transmissão intelectual.

Porque os grandes pensamentos não se extinguem necessariamente com a vida de quem os formulou. Sobrevivem nos seus discípulos, transformam-se em novas perguntas e encontram, noutras épocas e noutras consciências, possibilidades de fecundidade que talvez os seus próprios autores não pudessem ter imaginado.

De Galimberti recebi, sobretudo, o estímulo para aprofundar uma convicção que hoje considero central na minha concepção da psiquiatria: uma medicina da mente que renuncia à filosofia corre o risco de saber cada vez mais sobre as doenças e compreender cada vez menos o homem que delas sofre.

Posteriormente, na Universidade de Salamanca, durante a conclusão do meu doutoramento europeu em Medicina e Psiquiatria, tive novamente a fortuna de beneficiar da orientação de figuras académicas de especial relevo. A minha gratidão dirige-se aqui aos Professores Antonio Pérez Urdániz, da Universidade de Salamanca, e Tomás Ortiz Alonso, reconhecido especialista em neurociências e neuropsiquiatria da Universidade Complutense de Madrid, que assumiram responsabilidades de orientação e direcção nessa etapa da minha formação doutoral.

As respectivas perspectivas científicas contribuíram para enriquecer uma concepção da psiquiatria que nunca quis dissociar os seus fundamentos neurobiológicos da dimensão subjectiva da experiência humana.

No seu ensino encontrei o rigor académico indispensável para sustentar um diálogo entre disciplinas que, com demasiada frequência, preferem ignorar-se mutuamente a reconhecer, com lucidez, os seus próprios limites.

A esta genealogia pertence igualmente o Professor Dominique Pringuey, da Universidade de Nice, discípulo de Arthur Tatossian, uma das figuras mais representativas da tradição fenomenológica francesa.

A sua filiação intelectual prolongava aquela orientação da psicopatologia que procura compreender a experiência do doente a partir das estruturas do seu mundo vivido, em vez de o observar apenas a partir da exterioridade de uma classificação nosográfica.

No seu magistério reconheci uma outra manifestação dessa tradição que, embora expressa através de escolas e línguas diversas, havia orientado uma parte significativa das minhas inquietações desde os primeiros anos de formação.

Seria, todavia, uma forma de ingratidão intelectual limitar esta memória aos nomes que acabo de evocar. Também inúmeros colegas, professores e estudantes encontrados em seminários, hospitais, congressos internacionais e universidades contribuíram para a minha formação: Jena, a Humboldt-Universität de Berlim, Coimbra, Montpellier, Oxford e tantos outros lugares que acompanharam uma vida dedicada ao estudo.

Alguns deixaram uma marca duradoura através de anos de convivência académica; outros conseguiram fazê-lo no breve espaço de uma conversa. Porque não raras vezes a verdadeira universidade começa precisamente quando termina a aula, quando se abandonam os anfiteatros e o pensamento prossegue o seu caminho durante um jantar, numa caminhada ou no desacordo cordial de duas inteligências suficientemente conscientes da sua própria incompletude para reconhecerem quanto podem ainda aprender uma com a outra.

Com o passar dos anos compreendi, além disso, que o ensino nunca se processa numa única direcção. Os meus próprios estudantes, através de perguntas inesperadas, objecções e, por vezes, de uma fecunda irreverência intelectual, obrigaram-me a reexaminar convicções que julgava definitivamente consolidadas.

Um professor que deixa de aprender com os seus estudantes talvez tenha já começado, sem disso se aperceber, a renunciar a uma parte essencial da sua vocação.

E não poderia esquecer os meus doentes. Deles recebi ensinamentos que nenhum tratado me poderia ter antecipado. As suas histórias, os seus silêncios e as formas tantas vezes indizíveis do seu sofrimento ensinaram-me que a dor humana possui uma eloquência anterior a qualquer teoria e que a humildade clínica começa precisamente onde as nossas explicações encontram os seus limites.

Os meus mestres ensinaram-me a pensar a condição humana; os meus doentes ensinaram-me a reconhecê-la na sua mais despojada vulnerabilidade.

Após mais de três décadas de exercício da psiquiatria, cheguei a compreender que ensinar não significa apenas transmitir aquilo que se aprendeu, mas constitui uma forma superior de gratidão para com aqueles que nos precederam.

Sempre que entro numa sala de aula universitária, levo comigo, embora ninguém disso se aperceba, uma multidão de mestres. As suas palavras sobrevivem nas minhas perguntas; os seus ensinamentos, nas minhas dúvidas; e as suas exigências, nessa insatisfação fecunda que me impede de considerar alguma vez concluída a minha própria formação.

Não vejo contradição alguma entre o rigor do cientista e a consciência moral do médico, nem entre a procura do filósofo e a sensibilidade daquele que, perante o sofrimento de outro ser humano, reconhece uma responsabilidade que não pode delegar.

Creio, pelo contrário, que a fecundidade do meu percurso reside precisamente nesse diálogo incessante entre formas de saber que nunca considerei territórios separados.

Goethe escreveu no Fausto: «Aquilo que herdaste dos teus pais, conquista-o para verdadeiramente o possuíres». E José Ortega y Gasset formulou aquela proposição que se tornou central na sua filosofia: «Eu sou eu e a minha circunstância, e se não a salvo, não me salvo a mim».

Entre estas duas intuições reconheço uma parte essencial da minha própria biografia.

Somos, certamente, herdeiros de uma constituição biológica que não escolhemos. Mas somos também o resultado sempre inacabado das nossas experiências, dos livros que nos transformaram, dos encontros que abalaram as nossas certezas e daquelas presenças que imprimiram à nossa existência uma direcção inesperada.

O património genético estabelece determinadas condições do nosso existir; a biografia, no seu diálogo incessante com o mundo, contribui para lhes conferir forma e significado.

Nenhum homem se constrói inteiramente a si próprio. Até aquilo que julgamos mais intimamente nosso — as ideias, as convicções, a sensibilidade — traz, de forma visível ou secreta, a marca dos outros.

Somos também a memória viva daqueles que nos ensinaram a olhar, dos que nos corrigiram sem nos humilhar e dos que, confiando nas nossas possibilidades, nos pediram que ultrapassássemos os limites que julgávamos serem os nossos.

Estas páginas não pretendem, portanto, celebrar uma trajectória individual, mas reconhecer uma dívida que nenhuma obra, por mais vasta que seja, poderá alguma vez saldar integralmente.

Se algum valor intelectual ou humano puder ser encontrado naquilo que ensinei, pratiquei ou escrevi, uma parte essencial pertence àqueles que me precederam e acompanharam.

Porque, em última análise, não somos apenas aquilo em que nos tornámos, mas também aquilo que a inteligência, o exemplo e a generosidade dos outros nos permitiram vir a ser.

E se houvesse um pensamento que desejasse deixar àqueles que vierem depois de mim, seria talvez este:

«A verdadeira grandeza de um mestre não reside em perpetuar o seu próprio pensamento, mas em despertar uma consciência capaz de pensar para além dele. Porque só merece verdadeiramente o nome de mestre aquele que, ao transmitir o seu saber, faz da possibilidade de ser ultrapassado o mais nobre dos seus legados.»

Dr. ACTVARIVS